

Lula quer TV pública que não piche

Tânia Monteiro e Leonencio Nossa

Presidente ressalta, entretanto, que rede não pode ser 'chapa-branca'

Ao dar posse a cinco novos ministros, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva definiu em discurso modelo que deseja para a TV pública de seus sonhos: que não "piche" e trate de educação e informação, sem perfil "chapa-branca" e que funcione ininterruptamente. E anunciou sua próxima meta: "Uma rádio nacional", preparada "para falar as coisas para o Brasil inteiro".

Dirigindo-se ao novo ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins, Lula pediu empenho no desenvolvimento da proposta de uma TV pública educativa - cuja implantação deve custar R\$ 250 milhões - e afirmou que ela fará o que a TV privada não faz, operando ininterruptamente. "Eu sonho grande. Eu sonho com uma coisa quase 24 horas por dia", e "que não seja chapa-branca", disse. "Chapa-branca parece bom, mas enche o saco. E gente puxando saco não dá certo. A gente tem de fazer uma coisa séria. Não é uma coisa para falar bem do governo ou falar mal, é uma coisa para informar."

Lula, que teve o primeiro mandato marcado por divergências com os meios de comunicação, disse que a política que será desenvolvida por Franklin deve tratar a informação com seriedade: "A informação tal como ela é, sem pintar de cor-de-rosa, mas também sem pichá-la."

POSSE

Na solenidade de ontem, além de Franklin Martins, na Comunicação Social, o presidente empossou Luiz Marinho, na Previdência; Carlos Lupi, no Trabalho; Miguel Jorge, no Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Alfredo Nascimento, nos Transportes.

No discurso, Lula se referiu à proposta de criação de uma rádio nacional como um novo objetivo. "Eu também sonho que a gente possa até ter uma rádio nacional", comentou. "É mais difícil, mas vamos tentar, não custa nada, falar as coisas para o Brasil inteiro."

Lula disse que a TV pública deve atuar em parceria com emissoras de outros Poderes, como a TV Senado e a TV Câmara, as educativas dos Estados e as públicas já espalhadas pelo País. "Não vamos inventar a roda", afirmou ele, explicando que a proposta é garantir que as pessoas possam fazer cursos de inglês, matemática, espanhol e português ao meio-dia, 9 horas da manhã, e não de madrugada, e possam também assistir a uma peça teatral pela TV, por exemplo.

AUDIÊNCIA

"Se vai ter meio ponto de audiência ou zero, não me interessa. O que interessa é ter uma opção para quem quiser ter acesso a uma coisa de muita profundidade", ressaltou, informando que o objetivo dessa TV não é competir. "Só queremos somar, só queremos criar oportunidade para que, do Oiapoque ao Chuí, as pessoas possam ver as coisas."

O presidente contou que "precisava renovar o setor de comunicação". "Franklin, eu estou depositando uma expectativa muito grande, porque nós vamos criar coisas diferentes, além da publicidade, além dos patrocínios, além de cuidar da imagem do governo, além da Radiobrás, que estará subordinada a todo o esquema."

Leia mais:

'Não é chapa branca, é TV plural e para o Brasil se ver'
Franklin Martins: ministro-chefe da Secretaria da Comunicação Social

Franklin avisa que não há projeto acabado, mas quer apressar debate com sociedade e ver emissora no ar até fim do ano

Tânia Monteiro, BRASÍLIA

O novo ministro-chefe da Secretaria da Comunicação Social, Franklin Martins, informou ontem que não há um projeto acabado para a nova TV pública, mas adiantou que ela não será partidária e não terá comerciais. Ele espera que em até 90 dias o tema comece a ser debatido com a sociedade e, até o fim do ano, a TV entre em funcionamento. Franklin rebateu críticas sobre a decisão do governo de colocar imprensa e publicidade sob a mesma administração, lembrando que isso existe nos jornais e não há interferência. A seguir, os principais trechos da sua entrevista:

Como é o projeto da TV pública?

Não existe ainda um projeto formatado, pronto e acabado. Há uma discussão de governo, com princípios gerais de que a TV pública, não é uma TV do governo, é uma TV plural, não é uma TV partidária, é uma TV que busca ir além do que uma TV comercial vai, porque esta busca lucro e escala de audiências, não entra em uma série de áreas onde a TV pública pode entrar. A TV pública é algo que vai ser feito partindo do que já existe, evidentemente qualificando, vitaminando, robustecendo o que já existe. Espero que, nos próximos 60 dias, 90 dias, o governo tenha uma posição para que se comece a discutir com a sociedade. O presidente deixou claros alguns conceitos: é TV pública, não estatal, é TV que não é chapa branca, é TV plural e para o Brasil inteiro se ver nela.

Vai ter integração com as TVs existentes? A base será a Radiobrás?

A idéia é partir delas. O que existe é muito pouco, mas é importante, é uma base. Agora, exatamente como vai ser o formato, não está definido. Você tem Radiobrás, tem TV Nacional, TVs educativas, um sistema de várias TVs estaduais, culturais educativas, que atingem regiões restritas, mas farão parte deste projeto. A partir disso aí, discutindo, vai se formatar o caminho. Existe uma definição conceitual, filosófica, de fundo, sobre o que queremos, mas como vamos chegar lá vai ser discutido agora.

Quando começaria a funcionar?

Não tem prazo marcado, mas acredito que a gente pode estar trabalhando em algo ainda para este ano, final deste ano.

Como fazer para não ser TV chapa branca?

Discutindo. No formato chapa branca, o governo decide tudo. No mundo todo, existem TVs públicas que chegaram ao formato que não são chapa branca. Vamos aproveitar as experiências existentes no mundo.

Ela vai ter financiamento público?

Terá. Provavelmente terá financiamento também de apoios vendidos junto à iniciativa privada. Mas não é comercial, porque ela não terá comercial. Agora, tudo isto está em discussão.

O governo, Lula, às vezes, é acusado de ideologizar a questão da imprensa...

Precisa primeiro dizer o que é ideologizar a imprensa. A imprensa goza de absoluta liberdade. Fala o que quer e deve ser responsável pelo que ela fala e isso é da lei. Não vejo por parte do governo Lula nenhuma tentativa de ideologizar a imprensa. Ao contrário.

Como pretende acabar com o ruído que existe com a imprensa?

Isso é outra coisa. Eu acho que saímos de uma crise política brutal e, em alguns momentos, selvagem. Isso deixou traumas no governo, na oposição e na imprensa. Acho que a relação do governo com a imprensa deve ser mais fluida, mais tranqüila, mais profissional, menos defensiva e acho que esta disposição existe no governo. E acho que a imprensa, da mesma forma que o governo, a oposição, todo mundo sofreu um freio de arrumação com a campanha eleitoral. Esta campanha não apenas elegeu o presidente, mas deixou claro que o povo brasileiro quer um debate qualificado das questões públicas. Ele não quer debate de baixo nível e de acusações.

Imprensa e publicidade juntos não é divergente?

Como diz Guimarães Rosa, viver é perigoso, tem risco. Agora, publicidade e imprensa juntos existe nos jornais. O seu jornal, por exemplo, tem área de redação e área comercial, respondem a um mesmo dono, a uma mesma diretoria e não estão misturados. Sei disso porque conheço. Nós jornalistas sempre pulamos quando há interferência ou pretensão de interferência da área comercial na redação. Aprendemos a fazer isso e eu quero fazer isso.

TV Pública é dinheiro bem gasto?

Espero que vocês cobrem depois se foi bem gasto. Isso é sempre relativo. Muita gente diz que com este dinheiro dava pra construir 400 quilômetros de estrada. Pode ser verdade, mas será que cultura não tem importância? Democracia é importante, pluralidade é importante. Isto não tem preço.

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 mar. 2007. 1º Caderno, p. A8-9.